

HERÓIS E HEROÍNAS NO CIRCUM-RORAIMA: A TRANSPOSIÇÃO DE PERSONAGENS DAS TEXTUALIDADES DE ORIGEM INDÍGENA E AFRODESCENDENTE PARA OUTROS CAMPOS DISCURSIVOS NA VENEZUELA

Heróes y heroínas en el circum-Roraima: La transposición de personajes de las textualidades de origen indígena y afrodescendiente a otros campos discursivos en Venezuela.

Heroes and heroes in the circum-Roraima: The transposition of characters from the textualities of indigenous and Afrodescendent origin to other discursive fields in Venezuela.

Josias Marinho de Jesus Gomes¹
Leila Adriana Baptaglin^{2, 3}

RESUMO

A expressão cultural na região conhecida como Circum-Roraima, comunidade transnacional

¹ Possui graduação em Bacharelado e Licenciatura Artes Visuais e Especialização em História do Brasil: Diversidade Cultural pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUCMINAS. É Professor de Artes Visuais no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima - CAP/UFRR. É mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL/UFRR. E-mail: josiasmarinhog@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria- UFSM. Mestre em Educação e, Mestre em Patrimônio Cultural ambos pela UFSM. Especialista em Gestão Educacional-UFSM (2007-2008). Graduada em Desenho e Plásticas- Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Maria (2006), Graduada em Desenho e Plásticas-Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora/pesquisadora do Curso de Artes Visuais/Licenciatura da Universidade Federal de Roraima. E-mail: leila.baptaglin@ufrr.br.

³ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal de Roraima, Reitoria. Avenida Capitão Ene Garcez - de 1985 ao fim - lado ímpar Aeroporto, CEP: 69310-000 - Boa Vista, RR – Brasil.

ao redor do monte Roraima (Venezuela, Guiana e Brasil) tem como principal fonte de referência as textualidades indígenas Caribe. Contudo, essa(s) comunidade(s) também apresenta traços africanos em decorrência da colonização escravocrata a que foram submetidas, além, claro, da cultura do colonizador. A manifestação afrodescendente, dependendo do país, pode estar concentrada em algum estado ou região política. Com isso, essa região também se configura como uma comunidade imaginada se fizermos um recorte a partir dos heróis e heroínas dessas textualidades. O ensaio busca identificar e analisar brevemente alguns personagens emblemáticos nessas comunidades que toma novas roupagens ao se tornarem símbolos de resistência, identidade, espiritualidade, entre outras emanções. Assim, apresentamos um breve estudo do herói indígena Guaicaipuro, personagem presente na arte e na vida da Venezuela, registrado pelo autor José de Oviedos Y Baños, *História de la conquista y población de la Provincia de Venezuela, 1723*.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Circum-Roraima; Cultura; Heróis.

ABSTRACT

The cultural expression in the region known as Circum-Roraima, a transnational community around Mount Roraima (Venezuela, Guyana and Brazil) has as its main source of reference the indigenous Caribbean textualities. However, this community (s) also presents African traits as a result of the enslaved colonization to which they were subjected, in addition, of course, the culture of the colonizer. The Afrodescendant manifestation, depending on the country, may be concentrated in some state or political region. With this, this region also configures itself as an imagined community if we make a cut from the heroes and heroines of these textualities. The essay seeks to identify and analyze briefly some emblematic characters in these communities who take on new clothing as they become symbols of resistance, identity, spirituality, among other emanations. Thus, we present a brief study of the indigenous hero Guaicaipuro, a character present in the art and life of Venezuela, recorded by the author José de Oviedos Y Baños, *History of the Conquest and Population of the Province of Venezuela, 1723*.

KEYWORDS: Literature; Circum-Roraima; Culture; Heroes.

RESUMEN



La expresión cultural en la región conocida como Circum-Roraima, comunidad transnacional alrededor del monte Roraima (Venezuela, Guyana y Brasil) tiene como principal fuente de referencia las textualidades indígenas del Caribe. Sin embargo, esa (s) comunidad (s) también presenta rasgos africanos como consecuencia de la colonización esclavócrata a la que fueron sometidas, además, claro, de la cultura del colonizador. La manifestación afrodescendiente, dependiendo del país, puede estar concentrada en algún estado o región política. Con eso, esa región también se configura como una comunidad imaginada si hacemos un recorte a partir de los héroes y heroínas de esas textualidades. El ensayo busca identificar y analizar brevemente algunos personajes emblemáticos en esas comunidades que toma nuevos ropajes al convertirse en símbolos de resistencia, identidad, espiritualidad, entre otras emanaciones. Así, presentamos un breve estudio del héroe indígena Guaicaipuro, personaje presente en el arte y en la vida de Venezuela, presentado por el autor José de Oviedos Y Baños, Historia de la conquista y población de la Provincia de Venezuela, 1723.

PALABRAS CLAVE: Literatura; Circum-Roraima; Cultura; Héroes.

Recebido em: 02.11.2017. Aceito em: 17.12.2017. Publicado em: 02.01.2018.

Introdução

O grupo Frente 3 de Fevereiro é um grupo transdisciplinar de pesquisa e ação direta, como eles mesmo se apresentam. É um coletivo paulistano de artistas, designers, jornalistas e outros pesquisadores que produzem intervenções visuais, sonoras e audiovisuais, além de outras ações, desdobradas a partir da discussão sobre o racismo. Trabalham na intersecção entre arte e política.

No dia três de fevereiro de 2004 o jovem Flávio Sant'Ana foi morto pela polícia militar de São Paulo. Negro, jovem, graduado em odontologia, namorado de uma jovem branca, motorista com carta de habilitação em dia e carro próprio foi tomado como suspeito e morto. Esse triste fato e data nomeiam e norteiam as ações do grupo artístico paulistano formado por Achilles Luciano, André Montenegro, Cássio Martins, Cibele Lucena, Daniel Lima, Daniel Oliva, Eugênio Lima, Felipe Texeira, Felipe Brait, Fernando Coster, Fernando Sato, Fernando Alabê,

João Nascimento, Julio Dojcsar, Maia Gongora, Majôï Gongora, Marina Novaes, Maurinete Lima, Pedro Guimarães, Roberta Estrela D'Alva e Will Robson.

Um dos trabalhos mais significativos do Frente é o filme-documentário Zumbi somos nós, 2006, que apresenta uma espécie de compilação das ações mais elaboradas do coletivo mesclada a intervenções sonoras e fala de pesquisadores da história e historiografia brasileira e das ciências políticas e sociais. Desse trabalho faço um recorte para nortear minha pesquisa. Uma parte do filme foi dedicada para reflexão de um episódio de racismo acontecido durante uma partida de futebol. A edição mostra o acontecido e diversas falas de pessoas representativas do futebol brasileiro e formadoras de opinião na mídia televisiva. As falas vão de um ponto ao outro na discussão sobre o racismo no Brasil. Alguns negam, tentando atenuar o acontecido e ridicularizar a discussão sobre o racismo, enquanto outros reconhecem e discutem o problema que

na maioria das vezes é encarado como prática comum, cotidiana das relações sociais brasileiras e que não condiz com atitudes racistas.

O episódio aconteceu entre os jogadores Leandro Desábato, do time argentino Quilmes, e Grafite, do São Paulo, no qual o primeiro foi autuado por racismo por ter chamado Grafite de “macaco”. A partir de então, o Frente articula um dos trabalhos mais potentes e vistos de seu repertório.



Imagem 01

Em 14 de julho de 2005. Final da Taça Libertadores da América. São Paulo e Atlético Paranaense jogam a final que decidirá o melhor time de futebol das Américas. No estádio lotado, 75.000 pessoas assistem o jogo. Em suas casas milhões de espectadores olham a tela da TV. No meio da transmissão uma bandeira gigante começa a ser aberta pela torcida, uma frase se revela trazendo um estranhamento ao espetáculo televisivo: BRASIL NEGRO SALVE. Através desta ação enigmática - que segue numa série de três diferentes bandeiras – se apresenta o documentário do coletivo paulistano de pesquisa e ação artística, Frente 3 de Fevereiro. A partir desta e de outras estratégias de intervenção, o documentário ZUMBI SOMOS NÓS aborda a construção e destruição das questões raciais no Brasil, inscrevendo na vida cotidiana novas formas de olhar, pensar e agir⁴

⁴ Disponível em: <
<https://www.youtube.com/watch?list=PL9HY-dFAduBw0KRrTCDsztNVJ4CEAdjm-&v=9g7m12ixqjM>> Acesso em: 29/06/2017.



Imagem 02

A primeira bandeira desfraldada trazia a frase "Brasil negro salve", a segunda "Onde estão os negros?" (imagem 01) e, finalmente, a terceira bandeira lia-se "Zumbi somos nós" (imagem 02). A partir desse momento pensamos que eles acessaram a representatividade de um herói do campo

simbólico nacional, considerando que grande parte dos brasileiros conhecem as histórias fundadoras do Brasil e as relações de dominação e insurgências no regime escravocrata. O trabalho no estádio foi visto por um percentual expressivo de brasileiros durante a partida de futebol e após o encerramento do jogo nas coberturas focadas pelos programas de televisão especializados em esportes nos canais de TV abertos e pagos.

Nesse contexto, entendemos que quase a totalidade de pessoas que tiveram acesso ao trabalho não tiveram dúvidas sobre quem ou o que seria aquele Zumbi grafado em caixa alta. Sabiam que aquele Zumbi não era um zumbi ligado a um estado de morte-vida, mas sim um herói. Uma das figuras importantes da resistência ao processo de escravização de negros africanos e brasileiros em nossa história. Então, naquele momento eles estavam propondo um posicionamento, um sentimento, uma aparência de Zumbi. Tomando emprestado os atributos simbólicos dessa figura para essa causa:

resistência, força, luta, fortaleza, negritude, justiça, entre outros. Aos 48m15s do filme, já nos créditos finais, o MC (Mestre de Cerimônia do movimento Hip Hop) poetiza sobre esses atributos simbólicos: "Zumbi é símbolo de força, resistência e valor, de sonho heroico, liberdade, luta, coragem e amor. Alô, Waldir?! Diga lá, mano Dinho (resposta)! Eu escutei um zum, zum, zum por aí. Ouvi dizer que muita gente é Zumbi."⁵

Neste ponto se insere a pesquisa: localizar, identificar e analisar a utilização, ressignificação e apropriação no campo simbólico e nas artes visuais de heróis e heroínas oriundos das textualidades afrodescendentes e/ou indígenas inscritos no campo territorial e discursivo do Circum-Roraima: Venezuela.

Esses heróis e heroínas podem partir de um campo "físico" criado pela literatura oral ou escrita, e na escrita

podemos nos valer das informações históricas e da produção literária ficcional, para um campo simbólico abstrato. Esse campo simbólico abstrato pode ser entendido como a apropriação de características do personagem ou, ainda, a ressignificação do histórico heroico em atributos altruístas e de fortaleza e, em algumas ocasiões, ligado ao sagrado, ao milagre, à cura e à espiritualidade. Não se pretende apontar que essas manifestações são específicas desse espaço, mas busque-se entender a classificação desses personagens como atributo de uma comunidade imaginada (ANDERSON, 1989), como notamos na fala do MC Dinho: Ouvi dizer que muita gente é Zumbi.

Nesse sentido, é possível que nas textualidades produzidas no Circum-Roraima possamos encontrar esses personagens que tomam outras proporções no cotidiano dos habitantes dessa ilha. E, ainda, que as construções simbólicas ou o próprio personagem

⁵ Zumbi somos nós. Frente 3 de fevereiro. Direção de produção: Ariane Mondo. Filme-documentário, 2006. São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?list=PL9HY-dFAduBw0KRrTCDsztNVJ4CEAdjm-&v=9g7m12ixqjM>> Acesso em: 29/06/2017.

possam ser compartilhadas e representar uma das características da região.

Estruturando o olhar

Para o entendimento e entrelaçamento das questões levantadas pela pesquisa, é necessário uma compreensão de cultura contemporânea e abrangente para podermos classificar as relações culturais e de troca de conhecimentos, evitando assim classificações rasteiras e reducionistas, principalmente aquelas que excluem ou ignoram os indígenas e afrodescendentes em questão.

Para isso, partimos do entendimento de cultura discutido por Clifford Gertz (1989). Na publicação "A interpretação das Culturas", ele apresenta o conceito de cultura como semiótico, um conjunto de elementos que possibilitam uma interpretação partindo do conhecimento dos sujeitos que se relacionam para construir e manter esses símbolos. Sendo esses conhecimentos e a manifestação

deles de ordem pública, ou seja, os significados são acessados por todos do grupo e reconhecido por eles como próprios de sua vivência. Dessa forma, a etnografia reconhece o e no sujeito as características e situações que possam construir um conjunto semiótico. *"Assim, há três características da descrição etnográfica: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o "dito" num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis."* (GEERTZ, 1989. p. 15).

A relação entre cultura e identidade que propomos, é apresentada por Glissant (2005) a partir da distinção da noção de raiz única e de rizoma feitas por Deleuze e Guattari: "Esses autores propõem, do ponto de vista do funcionamento do pensamento, o pensamento da raiz única e o pensamento do rizoma. A raiz única é aquela que mata à sua volta, enquanto o rizoma é a raiz que vai ao encontro de outras raízes" (p. 71).

Ele aplica esses pensamentos ao categorizar as culturas em atávicas e compósitas. Onde “a cultura atávica é aquela que parte do princípio de uma Gênese e do princípio de uma filiação, com o objetivo de buscar uma legitimidade sobre uma terra que a partir desse momento se torna território” (p.72) e as culturas compósitas são formadas pela aglutinação dos conhecimentos do colonizador e da terra colonizada. E, nessa última leitura cultural, pode-se encontrar uma cultura atávica (preservação ou resquício da cultura do povo colonizado) e a própria compósita ocupando o mesmo território. Nessas culturas a noção de identidade se dá exatamente dessa relação entre raiz única e rizoma.

Nessa relação, no Brasil temos um entrelaçamento de cultura atávica, a indígena, e a cultura compósita, que podemos exemplificar com a relação dos negros, índios e portugueses. Não consideramos a cultura afro-brasileira como atávica, mas podemos relacioná-la ao pensamento de rastro/resíduo

apresentado pelo próprio Glissant (2005), que busca, no acúmulo de relações, resgatar os princípios de um conhecimento que ficou soterrado nas entrelinhas. Sobreposto pelas relações de dominação e eliminação de uma cultura atávica sobre outra para tomar um território.

Não seguimos o rastro/resíduo para desembocar em confortáveis caminhos; ele devota-se à sua verdade que é a de explodir, de desagregar em tudo a sedutora norma. Os africanos, vítimas do tráfico para as Américas, transportaram consigo para além da imensidão das águas o rastro/resíduo de seus deuses, de seus costumes, de suas linguagens (p. 83).

Então, é interessante pensar que esse rastro/resíduo pode ser entendido como um importante ponto de conexão nas relações culturais e que vem sendo redescoberto e problematizado no sentido de trazer um olhar de reconstrução do que foi escrito. É um conceito que existe no deslocamento e na reinvenção da cultura em local externo e desconhecido em uma estrutura de

dominação, de acordo com o exemplo utilizado pelo autor.

Patrimônio Cultural Imaterial, Identidade Cultural e Comunidades Imaginadas

O patrimônio imaterial diz respeito a práticas e modos de expressão coletivos que correspondem a determinados grupos sociais. Essas práticas e expressões também podem dar forma, tornando palpável, tornando visível alguns personagens recorrentes na oralidade.

A oralidade, também, mantém e apresenta os mitos fundadores, os quais podem ser apresentados sob várias perspectivas dentro da convivência social. Podemos entender que a literatura oral constrói esses personagens na suspensão, no campo da abstração, mesmo quando atribui a eles uma fisionomia, arquétipos e utensílios. Ao torná-lo palpável em uma imagem tridimensional ou bidimensional, a interação e “convivência” com eles toma outras possibilidades.

Não importa aqui avaliar o alcance ou qualidade de uma literatura oral ou de uma literatura escrita nesse campo de discussão, mas sim verificar a relação com as identidades a partir do reconhecimento dessas figuras como fundadoras e representativas de um grupo social.

O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua **história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana** (grifo meu).⁶

Em Hall (2001) “Identidades culturais são aqueles aspectos de nossas identidades que surgem do nosso ‘pertencimento’ às culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (p.08). Sendo que “no mundo moderno, as culturas nacionais em que

⁶ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> Acesso em: 25/09/2016.

nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (p. 47).

A identidade cultural independe de relações territoriais e nesse sentido se aproxima do entendimento de comunidade imaginada, é coletivo. Então, grupos que reivindicam a pertença a uma cultura que não se apoia em um Estado-Nação abarcam indivíduos de outros territórios. A identidade cultural é transnacional e, na manutenção de um patrimônio imaterial, acabam por difundir-lo (FIGUEIREDO; NORONHA, 2010). Desse modo, além da cultura nacional em que nascemos outras representações simbólicas podem fazer parte do processo de construção de uma identidade cultural para além de fronteiras geopolíticas.

Comunidades imaginadas, a região Circum-roraima e a Amazônia Caribenha

Partindo do entendimento proposto por Anderson (1989) ao se debruçar sobre o conceito de nação e

nacionalidade, podemos lançar mão dessa elasticidade nas fronteiras de uma nação. A partir do momento em que o território e o número de pessoas ultrapassa a relação de proximidade, onde a filiação pode ser facilmente mapeada devido a relações sociais e territoriais menos complexas, os artefatos culturais como a nacionalidade passam a ser mais representativo no campo simbólico. As relações e escolhas de pertencimento independem de se conhecer e ter relações sociais como os outros indivíduos que também manifestam, mantém e reivindicam um pertencimento à determinada nação. “(...) A nação é imaginada como comunidade porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal.” P.16

Dessa forma, trago à baila mais um conceito que envolve as relações sociais o Circum-Roraima. Essa tríptica fronteira entre o Brasil, a Venezuela e a Guiana. Uma região transnacional compreendida

também pelas características culturais de língua caribe ao redor do monte Roraima, uma construção geográfica e intelectual (SÁ, 2016).

Conforme Butt Colson (1985, p. 103-149), o designativo circum-Roraima tem sua origem em Cesáreo Armellada e constitui uma área etnográfica caracterizada por apresentar um *continuum* cultural, onde diferentes povos indígenas compartilham tradições e características. Trata-se de uma região que abarca um espaço transnacional localizada no extremo norte da América do Sul, e que tem como marco o magnífico monte Roraima. (In CARVALHO, 2017)

Seguindo ainda em uma contextualização de abrangência do local de pesquisa, temos um alargamento desse território que nos interessa enquanto um produtor cultural específico, a Amazônia Caribenha. Podemos entender esse território

como um contexto regional internacional em formato de ilha com base na cartografia histórica do século XVII,

apoiada em relatos de diferentes viajantes europeus (Vicente Pinzon, Walter Raleigh, Abraham Cabeliau, entre outros) durante o processo de exploração e das primeiras ocupações europeias na região amazônica. Os dois principais troncos linguísticos Karíb e Arawak, constituídos por diferentes povos indígenas e distintas relações socioculturais no território das Guianas e nas ilhas do mar Caribe, incorporam elementos específicos tais como relações comerciais e organizações de parentesco, fortalecendo assim a concepção da Amazônia Caribenha. (OLIVEIRA, 2012. P. 30-31)

Essa abordagem amplia nosso local de atuação e consolida uma investigação mais promissora na direção de identificar possíveis identidades culturais compartilhadas nesse território, mas nesse início nos deteremos em investigar a Venezuela.

O herói e a heroína no Circum-roraima: Venezuela

A literatura produzida sobre a cultura na Amazônia Caribenha e sobre o Circum-Roraima ainda não focalizou a expressão artística desses territórios em uma abordagem quantitativa ou

qualitativa que desse conta de construir uma possibilidade de leitura de um fazer artístico que possa ser representativo das populações que habitam e transformam essas regiões. Nesse sentido a pesquisa vem apontar uma possibilidade de tratamento desses produtos culturais num viés de reconhecimento por parte da população de um herói ou heroína nacional.

O estado venezuelano Miranda localizado no centro-norte do país apresenta duas características bem interessantes para a pesquisa habitantes que se reconhecem como afrodescendentes ou indígenas. Contudo, o último Censo Nacional de Población Y Vivienda do INE (Instituto Nacional de Estadística, República Bolivariana de Venezuela) de 2011 não existe uma pergunta sobre a população afrodescendente no país, mas existe uma contagem da população indígena com levantamentos pormenorizados como, por exemplo, alfabetização, cidade de nascimento, saneamento básico e grupo indígena a que pertence, entre outros. O

INE 2011 contabilizou um total de 724.592 de indígenas e um total de 26.503.338 de não indígenas no país. Desse total de indígenas 3.348 foram registrado no estado de Miranda, sendo que 3.290 estão na zona urbana e 58 na zona rural. O Censo parte de uma definição bem clara para elaboração das perguntas e verificação junto aos habitantes

ASPECTOS CONCEPTUALES Y METODOLÓGICOS APLICADOS AL CENSO DE LA POBLACIÓN INDÍGENA CONCEPTOS CLAVE 1) INDÍGENA Se asume como "Indígena" a toda persona nacida en el territorio nacional que en el momento del Censo declaró pertenecer a un Pueblo Indígena, aun cuando se apoya en el concepto de Pueblo Indígena plasmado en la Constitución Nacional y que se refiere expresamente a los "...descendientes de los pueblos originarios que habitan en el espacio geográfico que corresponde al territorio nacional...", se registró la respuesta de los nacidos en Venezuela que declararon pertenecer a algún Pueblo Indígena originario de otro país de nuestro continente. 2) PUEBLOS INDÍGENAS Concepto incorporado en el Censo 2001, sustituyó al de Grupo Étnico o Etnia. "Son los habitantes originarios del país, que conservan su gentilicio, sus identidades culturales específicas, idiomas, tierras ancestrales y sus propias instituciones y organizaciones sociales, económicas y políticas, que les distinguen de otros sectores de la colectividad nacional." (P.6)

A capital do estado é Los Teques. Essa região é abordada pelo autor José de Oviedos Y Baños escreve História de la conquista y población de la Provincia de Venezuela, 1723(1992 – Primeira edição da Biblioteca Ayacucho). Na obra ele narra a história do herói indígena Guaicaipuro. Cacique originário dos Teques foi responsável por um conjunto de revoltas exitosas contra a conquista espanhola. Segundo a obra, o herói comandou outros caciques durante o século XVI em defesa de sua terra durante um período de, aproximadamente, sete anos. Sendo derrotado somente em 1567/1568. Ao narrar todos os episódios das batalhas Baños nos dá uma visão do todo e utiliza vários adjetivos para caracterizar Guaicaipuro: altivo, estrategista, forte, líder, seguro, etc. Depois de várias tentativas sem sucesso os espanhóis em um ataque certo sitiaram o cacique em sua choupana e atearam fogo (no domínio popular também existe a versão de que o cacique se mata num ato heroico, ateando fogo ao próprio corpo, para não ser

detido). Nesse momento, no livro, Guaicaipuro surge portentoso

[...] y echando llamas de enojo aquel corazón altivo, dijo: ¡Ah españoles cobardes! porque os falta el valor para rendirme os valéis del fuego para vencerme: yo soy Guaicaipuro a quien buscáis y quien nunca tuvo miedo a vuestra nación soberbia; pero pues ya la fortuna me ha puesto en lance en que no me aprovecha el esfuerzo para defenderme, aquí me tenéis, matadme, para que con mi muerte os veáis libres del temor, que siempre os ha causado Guaicaipuro; y saliendo para afuera, tirando con el estoque a todas partes, se arrojó desesperado em medio de las espadas que manejaban los nuestros, donde perdió la vida temerario, con repetidas estocadas que le dieron, acompañándole en la misma infelicidad de su fortuna los veinte y dos gandules que le habían asistido a su defensa. (p. 326)

Assim Guaicaipuro se eterniza como herói venezuelano representante hoje, principalmente, dos grupos indígenas e seus descendentes no estado de Miranda, no município de Los Teques e no município que recebeu seu nome, Guaicaipuro. Seu nome e sua imagem representam todas as características heroicas apresentadas no livro, extrapolando a caracterização de um personagem para se projetar no campo

simbólico da luta contemporânea desses povos.



Hashtag #guaicaipuro no Instagram⁷

⁷ Disponível em: < <https://www.instagram.com/explore/tags/guaicaipuro/> > Acesso em 01/07/2017.



Imagem 3 e 4.

O bronze "Guaicaipuro, índio combatiente, 1906, do escultor venezuelano André Pérez Mujica (1873-1920) ocupa um lugar de evidência na praça Guaicaipuro em Los Teques, avivando a presença do personagem lendário que empresta sua força e destreza aos seus descendentes e compatriotas. Temos, então, uma representação física aproximada das

proporções humanas de uma figura lendária da resistência indígena que representa a existência e presença indubitável do líder cacique. Temos assim uma transposição plástica textualidade dos indígenas Teques e de outros grupos que compartilham dessa figura.

Buscando outros exemplos de apropriação do personagem no campo

simbólico, encontramos a *hashtag*⁸ #guaicaipuro na rede social de compartilhamento de imagens Instagram. Nessa rede social foi possível verificar essa utilização simbólica bem próximo de uma linguagem oral (considerando que ao utilizarmos metáforas em nossa fala informal a incidência de utilização ou empréstimos de qualidades de heróis e santos é mais frequente).

Considerações

Podemos encontrar nas redes sociais como o Facebook e o Instagram, esse principalmente pela intenção de colecionar imagens como um álbum, variadas postagens entre o registro fotográfico do monumento ao indígena, como a marcação de palavras-chave a partir do que é representativo daquele personagem na vida daquele sujeito.

⁸ *Hashtag* é uma palavra-chave antecedida pelo sinal # utilizada como marcador nas redes sociais. Ao criar ou utilizar uma hashtag o usuário deposita em uma nuvem virtual aquela publicação (imagem o texto). Assim, é possível fazer uma busca por uma hashtag e encontrar todas as publicações marcadas com essa palavra-chave.

Assim, essas publicações podem nos servir como exemplo de resignificação do personagem heroico na região do Circum-Roraima no sentido de verificar essa relação que extrapola as características físicas, psicológicas e divinas do personagem no campo literário e no lendário histórico-cultural oral. Podemos ver nessas plataformas contemporâneas o uso e o compartilhamento de imagens e palavras que extrapulam a história onde o herói/heroína está escrito. A existência dele acompanha também o comportamento social do sujeito contemporâneo. A resignificação se aproxima bastante do uso artístico que o grupo Frente 3 de Fevereiro faz no campo simbólico, da metáfora, do abstrato.

Nessas resignificações e somas ainda é possível encontrar (é uma continuidade da pesquisa) uma estruturação de três personagens das textualidades indígena e afrodescendente que são redefinições no campo do sagrado, do imortal, da fé. Guaicaipuro, Maria Lionça e Negro Felipe configuram

“Las Tres Potencias”. Um conjunto que carece de uma pesquisa mais aprofundada que possa verificar esse uso religioso aparentemente afrodescendente de figuras do cotidiano de mais uma comunidade imaginada. Guaicaipuro é representado e vivenciado em uma manifestação religiosa específica e *Sui generis*. A grosso modo, nos parece que o indígena não fez um caminho religioso como no Brasil: ser associado a um santo da igreja católica e assumir essas duas personagens durante uma celebração na religião de matriz africana.

Enfim, o Circum-Roraima apresenta uma extensa e vultuosa expressão cultural e artística contemporânea, ainda não esmiuçada na literatura, que representam e reorganizam potentes personagens dessa região caribenha. Personagens que revivem no tempo, nas criações visuais e no simbólico de uma comunidade imaginada.

Rerreferências

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CARVALHO, Fábio de Almeida. **A produção literária da região circum-roraima**.

CARVALHO, Fábio de Almeida. **Makunaíma/Makunaíma, antes de Macunaíma**. Revista Crioula, maio de 2009, nº 5. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/viewFile/54943/58591>> Acesso em: 27/09/2016.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. In **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 16, núm. 2, 2003, pp. 221-236 Universidade do Minho Braga, Portugal. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37416210>

FIGUEIREDO, Eurídice; NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Identidade Nacional e Identidade Cultural. In **Conceitos de**



ISSN nº 2526-8031

Vol. 2, n. 1, Jan-Abr. 2018

Literatura e Cultura. FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade.** Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. Expressões de arte e cultura na Amazônia Caribenha. In **Arte e Cultura na Amazônia:** os novos caminhos. DUARTE, Rosângela; OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; LOUREIRO, João de Jesus Paes. (Orgs.). Boa Vista: Editora da UFRR, 2012.

SÁ, Lúcia. O espaço literário do circun-Roraima. In. CARVALHO, Fábio Almeida de. (Org). **Literatura e fronteira.** Boa Vista: EdUFRR, 2016.